



HADERCHPEK, Robson Carlos. ***Santa Cruz do Não Sei: O Simbólico, o Ritual e a Cena***. Natal: UFRN. Professor Adjunto; Coordenador do Curso de Teatro. Ator e diretor.

RESUMO

O teatro manifesta originalmente uma natureza ritualística que traz em si os princípios da co-participação e do ato coletivo. Quando falamos em teatro falamos de encontro, de ações simbólicas que são redimensionadas a partir de um ato coletivo cerimonioso que acontece “diante” e “com” o espectador. Com o intuito de estudar os princípios ritualísticos da cena foi pensado o Projeto de Pesquisa “Teatro, Ritual e Processo Criativo”, desenvolvido na UFRN. A fim de respaldar as ações do projeto foi criado o *Grupo Arkhétypos de Teatro*, que iniciou uma pesquisa na Comunidade da Vila de Ponta Negra – Natal/RN, antiga comunidade de pescadores. A pesquisa de campo pretendia investigar as histórias da população local e a partir delas iniciar um processo de construção cênica utilizando como tema “histórias de pescador”. Após um ano de pesquisa nasceu o espetáculo *Santa Cruz do Não Sei*, construído basicamente de histórias e canções que se cruzam e se resignificam dando origem a uma vila ficcional que foi parida pelo mar. O espetáculo, há um ano em cartaz, é resultado de um processo investigativo de caráter empírico que propõe ao público um momento de encontro e de celebração.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; Ritual; Universo Simbólico; Arte do Encontro; Processo Criativo.

ABSTRACT

The theater originally manifests a ritualistic nature that brings in itself the principles of co-participation and collective act. When we talk about theatre, we talk about encounter, symbolic actions that are resized from a collective and ceremonious act that happens "before" and "with" the audience. In order to study the ritualistic principles of the scene, the Research Project "Theatre, Ritual and the Creative Process" was created and developed in UFRN. To support the actions of the project, the *Arkhétypos Group of Theatre* was created, and began a research in the Community of Ponta Negra – Natal/RN, a former fishing community. The field research intended to investigate the stories of local people and, from them, to start a process of scenic construction using "stories of fisherman" as theme. After a year of research, the theater play *Santa Cruz do Não Sei* was born, built essentially of stories and songs that are intersected and reframed, resulting in a fictional town that was given birth by the sea. The play has a year of existence and it is the result of an empirical research process of inviting the audience to a moment of meeting and celebration.

KEY-WORDS: Theatre; Ritual; Symbolic Universe; Art of the Meeting; Creative Process.

O espetáculo teatral *Santa Cruz do Não Sei* nasceu de um desejo de investigar as histórias do mar, histórias ouvidas nas rodas de pescadores e que

revelam muito sobre uma cultura, um povo e uma comunidade. Quando cheguei a Natal e fui lecionar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, alimentava o desejo de pesquisar sobre a cultura local, sobre a gente desse lugar e certo dia, andando pela praia me deparei com um grupo de pescadores chegando do mar em uma jangada, ali que encontrei o meu objeto de pesquisa.

Tomo a liberdade de narrar a experiência em primeira pessoa, pois me sinto parte do que escrevo, e penso que o artista espelha a sua arte. Assim, não posso me omitir num processo que almeja discutir o simbólico, o ritual e a cena. Acredito que o teatro enquanto manifestação da cultura tenha como uma de suas principais funções, resignificar os símbolos inerentes ao homem e interpretá-los de modo a provocar um diálogo entre o indivíduo e a sociedade.

A fim de abarcar o tema proposto e de criar um espaço de investigação sobre os princípios ritualísticos da cena e sobre os aspectos simbólicos da cultura local, criei o Projeto de Pesquisa “Teatro, Ritual e Processo Criativo”, desenvolvido no âmbito da UFRN entre 2010 e 2012. Para realizar a pesquisa formei um Grupo de Pesquisa e Extensão convidando alunos da Universidade que tivessem interesse em pesquisar sobre o assunto. O Grupo batizado de *Arkhétypos* começou a pesquisar a Vila de Ponta Negra - Natal/RN, antiga comunidade de pescadores, colaborando com o Projeto “Encantos da Vila”¹.

A priori, o Grupo *Arkhétypos* lançou-se a campo e pôs-se a conhecer um pouco mais da história da Comunidade da Vila de Ponta Negra, participando das reuniões do Conselho Comunitário e dos ensaios dos Grupos de Manifestação Popular que conservam muito da identidade da cultura local.

Nos encontrávamos uma vez por semana na Vila e passamos a conhecer os moradores, suas histórias, a realidade local e o universo simbólico daquele lugar. Ouvimos depoimentos indignados, histórias de dor, casos mirabolantes e lindas histórias de amor. Participamos das festas populares, da quadrilha junina, do cortejo cultural, do auto de natal e das discussões políticas do Conselho Comunitário. Tiramos algumas fotos e filmamos alguns encontros, mas o principal ficou registrado na nossa memória.

Após um ano de pesquisa, entre idas e vidas entre a sala de ensaio e o ambiente da Vila, começamos a estruturar a narrativa do espetáculo *Santa Cruz do Não Sei*. O espetáculo é constituído basicamente de histórias e canções que se cruzam, tal como as redes dos pescadores, dando origem a uma vila ficcional que foi parida pelo mar. O caráter festivo da celebração envolve os participantes num momento de “comunhão”, possibilitando assim, a afirmação de uma identidade coletiva que reverbera no indivíduo e permite-lhe um processo de reflexão acerca de si. Segundo Joseph Campbell:

Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos. (1990, p.05).

¹ Projeto de Extensão da UFRN coordenado pela Prof^ª. Dra. Teodora Alves.

Campbell nos mostra em seu livro *O Poder do Mito*, o quanto o mito luta para se fazer presente na sociedade atual. A revivificação do mito na cena é o início do processo de reconhecimento do homem em relação ao mundo, e é neste sentido que defendemos a proposta de um teatro pautado nos princípios ritualísticos.

Buscamos fazer um teatro que retrate situações e personagens que falem diretamente do *universal*. Este foi um dos motivos que nos levou a pesquisar as “histórias dos pescadores”, pois há nelas símbolos e ensinamentos que remetem ao inconsciente coletivo da sociedade.

Fomos contaminados pelas histórias da vila e recriamos essas histórias na nossa vila de ficção chamada *Santa Cruz do Não Sei*. Recuperamos na memória e no inconsciente o universo simbólico da Vila de Ponta Negra. Dentro das nossas práticas laboratoriais não tínhamos a pretensão de reproduzir as experiências da pesquisa de campo, apenas nos colocávamos abertos às experimentações e as histórias iam surgindo. Trabalhamos com imagens, canções do universo popular e criamos personagens arquetípicos, daí a origem do nome do Grupo: *Arkhétypos*.

A palavra é de origem grega e significa “modelo primitivo”, idéias inatas, conteúdo do inconsciente coletivo que foi empregado pela primeira vez por Carl Gustav Jung. No universo mítico, esses conteúdos remontam a uma tradição, cuja idade é impossível determinar e pertencem a um mundo do passado, cujas exigências espirituais são semelhantes às que se observam entre culturas primitivas ainda existentes.

O espetáculo, há um ano em cartaz, é resultado de um processo investigativo que transforma o público em testemunha da ação. Na vila de *Santa Cruz do Não Sei* o espectador é parte da história, ele senta-se em roda junto com os atores, como se estivesse ao redor de uma fogueira e comunga da cena estabelecendo um espaço de encontro e de celebração.

O espetáculo apresenta situações que vão e vêm sem uma preocupação cronológica e que muitas vezes se tocam revelando os segredos imersos nos contos dos personagens. Assim, a vila de *Santa Cruz do Não Sei* torna-se metáfora do inconsciente coletivo da comunidade, que transita sem direção revelando imagens míticas e arquetípicas do universo simbólico dos pescadores. Para Lévi-Strauss:

a atividade inconsciente do espírito consiste em impor formas a um conteúdo, e se essas formas são fundamentalmente as mesmas para todos os espíritos, antigos e modernos, primitivos e civilizados (como mostra tão claramente o estudo da função simbólica tal como expressa na linguagem), é necessário e suficiente atingir a estrutura inconsciente, subjacente a cada instituição e a cada costume, para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições e outros costumes [...] (2012, p.47).

Quando fomos à Vila de Ponta Negra pudemos atingir a estrutura inconsciente daquele lugar, daquela comunidade, e isso nos possibilitou um

princípio de interpretação, isso nos permitiu acionar a função simbólica e criar a nossa Vila de *Santa Cruz do Não Sei*. Segundo os pesquisadores Bernardo Marques e Susana Assunção:

A cultura enquanto produção humana compõe um universo simbólico cuja rede de relações e significações lançam o homem num mundo codificado e repleto de referentes não-arbitrários (porque estabelecidos convencionalmente) mas cuja ambivalência (ou mesmo pluralidade) de objetos e significados são constantemente interpretados. Ora, o homem é um produtor de símbolos por excelência, já que estes são o elemento mediador entre si e o mundo (2009, p. 11).

No processo de criação do nosso espetáculo, buscamos fazer essa mediação transportando o espectador para dentro de um jogo codificado fazendo-o mergulhar num universo simbólico comum. Desta forma o real dá lugar ao ficcional e o ficcional permite a fruição, pois: “o mito e o ritual não são para serem compreendidos em função do real, uma vez que consistem numa organização da experiência sensível no âmbito de um sistema semântico” (MARQUES & ASSUNÇÃO, 2009, p. 9-10). Daí, quando colocamos o espectador em contato com universo simbólico teatralizado, ele se reconhece na ficção e se coloca como parte integrante desta experiência.

Considerando a experiência como a base da nossa pesquisa, retomamos um dos pressupostos iniciais deste estudo, que se volta para os princípios ritualísticos da cena teatral e atribui ao teatro a responsabilidade da co-participação. É isso o que defende o pesquisador polonês Jerzy Grotowski:

O teatro é a única entre as artes a possuir o privilégio da “ritualidade”. De resto, em sentido puramente laico: é um ato coletivo, o espectador tem a possibilidade de co-participar, o espetáculo é uma espécie de ritual coletivo, de sistema de signos (2007, p.41).

Estes signos são gerados na cena através da teatralidade, através de uma convenção, de um jogo artificial que remete ao universo simbólico estudado. Assim, a teatralidade substitui a literalidade e o sentido da cena passa a ser universal, reconectando o homem consigo mesmo, com sua história e com a sua experiência.

Quando construímos o espetáculo *Santa Cruz do Não Sei*, nosso objetivo principal era dar voz às experiências adquiridas na pesquisa de campo, e isso implicou na criação de contos que tratavam do mesmo tema, mas que não tinham a preocupação de estabelecer uma fábula linear, e sim de re-conectar o espectador com os símbolos do universo praieiro. Para isso, utilizamos vários artifícios cênicos, criados a partir da teatralidade dos atores, dos cantos, dos sons e das ações. Foram pesquisadas também as brincadeiras populares: Côco de Roda, Pastoril, Congos de Calçola, Babelô e Boi de Reis que influenciaram a estética do espetáculo.

Ao longo do espetáculo os atores assumem seus personagens e também cantam e dançam como se estivessem numa vila de pescadores, e para contribuir com a imersão do público na situação dramática, contamos com

a utilização de sons não convencionais, criados a partir de pequenos vidrinhos e de adornos com sementes. A produção desses sons dá um tom de ritual para a cena.

Os atores contam suas histórias ora narrando e ora se transportando para o universo das personagens, o que gera um hibridismo cênico. Contudo, para dar unidade à dramaturgia, utilizamos um estado “jogo” que está presente na atitude dos “brincantes” e que lhes permitem entrar e sair de uma brincadeira sem perder a energia.

Neste ponto, podemos citar outro aspecto ritualístico da cena teatral: o jogo. Para Grotowski o ritual do teatro é evidentemente diferente do ritual religioso, e cabe ressaltar que estamos nos referindo ao primeiro, pois é através dele que se revelamos o jogo: “O ritual da religião é uma espécie de magia, o ‘ritual’ do teatro, uma espécie de jogo” (2007, p.43). O jogo cênico, desenvolvido pelos atores, ajuda a construir o universo simbólico que se traduz na revivificação do mito. O mito é re-vivido através do ritual e este por sua vez remete à experiência da vida, uma vida que vem perdendo o sentido diante das revoluções tecnológicas, do consumismo e da globalização. E com isso, perde-se também a noção de identidade e de pertencimento, gerando uma sociedade achatada e estéril, que não consegue produzir novos símbolos, daí a necessidade de um teatro ritualístico.

REFERÊNCIAS

- BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola. **A Arte Secreta do Ator**: Dicionário de Antropologia Teatral. São. Paulo: Hucitec, 1995.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- CARVALHO, José Jorge de. “O Lugar na Cultura Tradicional na Sociedade Moderna”. In **O PERCEVEJO: Revista de Teatro, crítica e estética**. Ano 8, nº8. Rio de Janeiro, UNIRIO, 2000. p.19-39.
- GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- GROTOWSKI, Jerzy; POLASTRELLI, Carla; FLASZEN, Ludwik. **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro, Editora Perspectiva, 2007.
- HADERCHPEK, Robson Carlos. **A poética da direção teatral: O diretor-pedagogo e a arte de conduzir processos**. Campinas, SP: [s.n.], 2009. Tese de doutorado, UNICAMP.
- JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. **O Homem e seus Símbolos**. Tradução de Maria Lucia Pinho. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.
- MARQUES, Bernardo & ASSUNÇÃO, Susana. **Babel ou o Início Simbólico: Caminhos para uma Pedagogia do Sujeito**. Covilhã: LusoSofia, 2009.
- MARIZ, Adriana Dantas de. **A Ostra e a Pérola: Uma visão antropológica do Corpo no teatro de Pesquisa**. São Paulo: Perspectiva S.A, 2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- QUILICI, Cassiano Sydow. **Antonin Artaud: Teatro e Ritual**. São Paulo: Ed. Annablume; Fapesp, 2004.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Trad. Beatriz Perrone-
Moisés. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2012.